

# ANTROPOLOGIA, CIÊNCIA DA NATUREZA HUMANA “POR ANALOGIA”

*Anthropology, Science of human nature “for analogy”*

**JUAN A. BONACCINI**

UFRN / CNPq

juan@cchla.ufrn.br

*Quanto mais estudamos a natureza humana, mais aprendemos a conhecer nossa própria dignidade.\**

I. Kant.

**Abstract:** The difficulty some interpreters find to place Kant’s writings on Anthropology within his system is well known. There are those who understand the Anthropology as a transcendental science, those who think it is a mere non-systematic and empirical “science”, and even a rhapsodic chaos of information on diverse and disconnected subjects; finally, there are also those who consider the Anthropology as the applied moral philosophy Kant had promised, either in the preface of the *Groundwork*, or in the *Metaphysics of Morals*. On the one hand, Kant had already referred the question for human nature to the Anthropology in the *Critique of the pure reason*. Nothing appears to be more natural, therefore, than considering the Anthropology as the science of human nature. On the other hand, the problem consists in determining whether and to what extent the critical philosophy can approach the concept of “human nature”. A good deal of difficulty comes from lack of clarity and unity with regard to its subject proper. For even if we accept that it must deal with human nature, it is not that clear *in which sense* human nature is to be understood from the point of view of “pragmatic anthropology”, nor how human being must be focused on in such an enquiry, whether empirically or not. My aim here is to explain in which sense pragmatic anthropology can be understood as science of human nature. I defend that this is possible out of a certain principle of analogy. Thus, in the first part I briefly mention some positions of the interpreters concerning the place and the status of the Anthropology in the critical system and identify a confusion sometimes is made between the *place* of the Anthropology within the system and its scientifically problematic *status*. In the second part, based upon Kant’s *Lectures on Anthropology* I argue that historically and conceptually Kant’s Anthropology endeavors to conciliate two different interests, namely, to criticize and reformulate the empirical psychology of the Wolfians and to observe and describe human being individually and collectively in order to offer a notion of human nature which the concepts and principles *of its moral theory and its theory of the metaphysical knowledge* can in concrete be applied to. In the third part, I defend that Anthropology considered as a cosmological knowledge reformulates the Humean project of an empirical science of human nature as a *nearly*-empirical science, since it involves as much observation and experience as well as application principles. My central thesis is here that the empirical scientific character of anthropological knowledge is guaranteed by the application of the principle of analogy: what a human being knows intuitively

---

\* „Wir studiren mehr die menschliche Natur, lernen unsere eigne Würde besser kennen” (*Metaphysik Dohna*, Ak. 28: 688, l. 21-2).

from of himself as a set of first-order predicates functions as starting point for his reflection, out of which he is able to deduce consequences by analogy between himself and other human beings, as a set of second-order predicates he applies extensively to others. Thus, the Anthropology could appeal to observation and experience without being arbitrary: my knowledge of myself would be mediated by the knowledge of the others to the extent that I think myself in analogy with other beings that are given to me intuitively; conversely, my knowledge of the others would be mediated at the same time by the knowledge I have from myself, my body, as well as my mental and moral faculties. My knowledge of human being from the cosmopolitan point of view, as citizen of the world, then, would be thought and conceived of in analogy with my faculties and habits, with the moral, psychological structure and social politics of my world, with the uses and customs of my community. If this is not scientific knowledge in the strict sense (universal and necessary) as outlined in the first Critique, however, pragmatic anthropological knowledge can be understood as a sound talk about humans, to the extent that on the basis of the principle of analogy a claim at universality and necessity is made which is pragmatically verifiable in action.

**Key-words:** Kant. Anthropology. Human Nature. Science. Analogy.

## Introdução

É conhecida a dificuldade que os vários intérpretes da *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798) encontram para situá-la no âmbito do sistema kantiano e compreender seu estatuto como saber específico<sup>1</sup>. Boa parte da dificuldade decorre da falta de clareza e de unidade em relação ao seu “método” e “objeto” próprios<sup>2</sup>.

É claro que se trata de “conhecimento” do “ser humano”<sup>3</sup>. Mas não é tão claro *em que sentido* se deve entender aqui “ser humano”, nem que tipo de “conhecimento” está em jogo numa “ciência” como a Antropologia. Tampouco fica claro, a princípio, *como* se deve abordar seu objeto; se empiricamente ou *a priori*<sup>4</sup>. Meu intuito aqui é tentar mostrar em que

<sup>1</sup> Clélia Martins 2004, p. 127. Louden menciona o “awkward ‘neither nor there’ status” da Antropologia de Kant (2000, 71); Wood (2003, pp. 45ss) constata seu “unsatisfactory state”. Ver também os trabalhos de C. Schmidt (2007), D. O. Perez (2009) e P. Frierson (2003).

<sup>2</sup> Sobre isso ver Frierson (2003, 32).

<sup>3</sup> *Antropologie in pragmatischer Hinsicht* (1798), Ak. 7:119: “Alle Fortschritte in der Cultur, wodurch der Mensch seine Schule macht, haben das Ziel, diese erworbenen Kenntnisse und Geschicklichkeiten zum Gebrauch für die Welt anzuwenden; aber der wichtigste Gegenstand in derselben, auf den er jene verwenden kann, ist der Mensch: weil er sein eigener letzter Zweck ist. — Ihn also seiner Species nach als mit Vernunft begabtes Erdwesen zu erkennen, verdient besonders Weltkenntniß genannt zu werden, ob er gleich nur einen Theil der Erdgeschöpfe ausmacht”.

<sup>4</sup> Claudia Schmidt (2007) dá a mais completa análise da literatura recente e distingue quatro (4) projetos diferentes de Antropologia desenvolvidos por Kant nas *Vorlesungen* e outros escritos paralelos, além da *Antropologia* de 1798: o da “Antropologia transcendental”, o da “Antropologia empírica”, o da “Antropologia

sentido a Antropologia pode ser entendida como um discurso “científico” sobre a natureza humana. Para tanto, na primeira parte menciono brevemente algumas posições dos intérpretes contemporâneos acerca do lugar e do estatuto da Antropologia no sistema crítico e identificador um problema de indefinição entre o *lugar* da Antropologia e dos escritos antropológicos no sistema kantiano e o seu problemático *caráter* científico. Na segunda parte, sugiro que histórica e conceitualmente a Antropologia (1798) de Kant tenta conciliar interesses diversos que se tornam evidentes em suas Preleções, a saber: criticar e reformular a *psicologia empírica* da escola wolfiana<sup>5</sup> e, simultaneamente, observar e descrever o homem individual e coletivamente para formular um conceito de natureza humana ao qual possam ser aplicados *in concreto* os conceitos e princípios puros de sua teoria moral<sup>6</sup> e de sua teoria do conhecimento metafísico<sup>7</sup>. Na terceira parte, defendo que a Antropologia considerada como um *conhecimento mundano (Weltkenntniß)*<sup>8</sup>, reformula o projeto humeano de uma ciência empírica da natureza humana do ponto de vista *cosmopolita* (visto que envolve tanto observação e experiência como também *princípios de aplicação*), a saber, um conhecimento *specificus* do homem como *cidadão do mundo*<sup>9</sup>. Minha tese central aqui é que o caráter *científico* do conhecimento antropológico é garantido pela aplicação do princípio da analogia: aquilo que o homem conhece de si intuitivamente serve-lhe de ponto de partida para sua reflexão, a partir da qual ele pode extrair consequências *por analogia* entre si mesmo e seus

---

pragmática” e o da “Antropologia moral” (2007, 157ss). Patrick Frierson pensa que “if it can be shown that Anthropology is empirical in its method, this proof will provide an important piece of evidence that the subject matter is empirical” (2003, 32-3).

<sup>5</sup> Essa posição sobre a origem histórica da Antropologia kantiana na psicologia wolfiana não é nova. Além de Klemme (1996) e Brandt (1999, 2003; Brandt & Stark, 2007), outros já defenderam essa derivação. Nesse sentido, Wilson (2006, 17-19) lembra que houve um debate entre Dilthey e Adickes sobre a origem e o lugar da Antropologia. Dilthey e Erdmann defendiam que a Antropologia derivava dos cursos de Kant sobre *Geografia física*, enquanto que Arnoldt, Adickes e Menzer (e depois Hinske) defendiam sua derivação da *Psicologia empírica* de Baumgarten (Apud Perez 2009, 22). R. Loudon menciona em particular a disputa entre Erdmann e Arnoldt, mas toma partido com Frederick van der Pitte e observa que “Kant’s Anthropology Lectures in fact grew out of both his physical geography and metaphysics lectures” (2000, 63).

<sup>6</sup> Essa parece ser a tese de Robert Loudon (2000, viiss, 10ss, 70ss; 2002, 32ss) e Borges (2003, 3, 7ss). Brandt & Stark (1997, XLVIss) atestam outro estado de coisas. Sobre a relação entre “filosofia moral” e “antropologia empírica”, veja-se o trabalho de Claudia Schmidt (2005, 77ss).

<sup>7</sup> Para uma interpretação “metafísica” da Antropologia veja-se Wilson (2006). Brandt & Stark (2007, xi) acham que a Antropologia não é conhecimento racional por conceitos e, portanto, não pertence à Metafísica.

<sup>8</sup> Cf. *Anth. Collins*, Ak. 25: 9: *Weltkenntniß*; *Anth. Pillau*, Ak. 25:734: *Welterkenntniß*, *Weltkenntniß*; *Menschenkunde*, Ak. 25: 854: *Weltkenntniß*; *Anth. Mrongovius*, Ak. 25: 1210: *Weltkenntniß*; *Anth. Busolt*, Ak. 25:1435: *Weltkenntniß*.

<sup>9</sup> *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (1798), Ak. 7: 120. Cf. *Anth. Mrongovius*: „Diese Kentniß heißt Weltkenntniß nicht die Kentniß der ganze Natur sondern des Menschen. Denn auf den Menschen bezieht sich doch iede Wißenschaft und wenn man alle unsre Zwecke zusammennimmt so laufen sie doch auf den Menschen hinaus” (Ak. 25: 1210). Cf. ainda Brandt & Stark 2007, XVss.

iguais. Assim, a Antropologia poderia apelar para a observação e a experiência sem ser assistemática: o meu conhecimento de mim mesmo seria mediado pelo conhecimento dos outros na medida em que me penso em analogia com os outros seres, que me são dados como intuitivamente semelhantes a mim; mas ao mesmo tempo o meu conhecimento dos outros seria mediado pelo conhecimento que tenho de mim, do meu corpo, e de minhas faculdades mentais e morais. No fim, insinuo que os conceitos de antropologia *pragmática* e homem como *cidadão do mundo* permitem formular um conceito de natureza humana não necessariamente metafísico, embora comprometido com o projeto kantiano de fomentar o progresso moral da humanidade<sup>10</sup>: o meu conhecimento do ser humano do ponto de vista *cosmopolita*, como cidadão do mundo e espécie, seria então pensado e concebido em analogia com minhas faculdades e meus hábitos, com a estrutura moral, psicológica, política e social do meu mundo, e com os usos e costumes da minha comunidade. Minha conclusão é que se não se trata de conhecimento científico no sentido estrito (universal e necessário), o conhecimento antropológico pragmático pode contudo ser entendido como um discurso científico no sentido de que com base no princípio da analogia ergue uma pretensão de universalidade e necessidade que é pragmaticamente verificável.

### 1 Sobre o lugar e o estatuto da Antropologia na literatura

Com relação à literatura, existem várias linhas de interpretação. Não é fácil delimitá-las, todavia, já que não raro se entrecruzam e partilham consenso em relação a muitos aspectos da Antropologia kantiana. Não obstante, até onde chega meu conhecimento, creio que podemos identificar pelo menos três grandes linhas interpretativas<sup>11</sup>: a daqueles que a entendem a Antropologia como uma ciência do homem do ponto de vista transcendental (Perez 2009; Firla 1981; Hufnagel 1988); a daqueles que a consideram uma investigação enciclopédica ou assistemática, no sentido de que não faria parte do sistema da filosofia transcendental (Brandt, 1999 e 2003); e a daqueles que a consideram como um estudo empírico do ser humano, quer no sentido da Antropologia “moral” ou “prática” (diferente de Brandt, 1999 e 2003), a saber, a “filosofia moral aplicada” que Kant havia sugerido no

<sup>10</sup> Perez (2009), Frierson (2003), Schmidt (2005) acentuam, esse aspecto.

<sup>11</sup> Perez (2009, 4ss) distingue também três linhas de interpretação na literatura, mas sua classificação diverge um pouco da nossa.

prefácio da *Fundamentação* (Ak. 4: 388) e na *Metafísica dos Costumes* (Ak. 6:216-7), (Louden 2000; 2002; Borges 2003)<sup>12</sup>, quer de uma outra maneira que não nos permite identificá-la com um saber rapsódico nem como uma sorte qualquer de Antropologia prática (Martins, 2004). Da minha parte, não creio que a Antropologia seja uma ciência do ponto de vista transcendental, no sentido de estender aos estudos antropológicos os princípios sintéticos *a priori* que Kant estabeleceu nas três críticas (Perez 2009); ou que possa ser uma ciência no sentido estrito que Kant atribui às matemáticas, à física e à filosofia transcendental na primeira Crítica. Mas tampouco me parece que seja um saber empírico assistemático, uma sorte de enciclopédia, algo absolutamente aleatório ou meramente popular.

Como Kant já havia referido a pergunta pela natureza do Homem à Antropologia<sup>13</sup>, nada pareceria mais natural que entender a Antropologia como uma *ciência da natureza humana*. O problema, porém, reside em determinar em que sentido a filosofia crítica pode abordar o conceito de *natureza humana*. De sua solução depende a caracterização do lugar da Antropologia no sistema, bem como de seu estatuto. De fato, essa questão da possibilidade de uma abordagem da natureza humana pela filosofia transcendental permeia toda a discussão.

Um aspecto importante que chama a atenção na literatura diz respeito a uma distinção que geralmente não se faz entre o que vou denominar aqui o *lugar* da Antropologia no sistema e o seu *estatuto* científico. Parece-me que esses aspectos não são geralmente distinguidos entre si, e por vezes são até confundidos. Mas uma coisa é o lugar sistemático de uma obra no *corpus*, outra seu *status* de cientificidade. Assim, se a Antropologia consiste ou não numa teoria da moral aplicada ou no campo de aplicação dos conceitos e princípios da filosofia moral pura, é um problema referente ao lugar que a *Antropologia de um ponto de vista pragmático* ocuparia no sistema da filosofia transcendental. Mas se ela é mera rapsódia

---

<sup>12</sup> Frierson (2003, 48ss) defende que a Antropologia “pragmática” é Antropologia *moral*, mas não no sentido da *Fundamentação* (Ak. 4:388-9), como campo de aplicação do imperativo categórico, e sim no sentido apontado na *Metafísica dos Costumes* (AK. 6: 216) e nos cursos de *Ética* (Ak. 27: 244). Na *Arquitectônica* da Crítica da Razão Pura Kant havia contrastado a Antropologia como a *Metafísica dos Costumes*: „Daher ist die Metaphysik der Sitten eigentlich die reine Moral, in welcher keine Anthropologie (keine empirische Bedingung)...” (KrVB869).

<sup>13</sup> Logik (Jäsche), Ak. 9: 25: „Das Feld der Philosophie in dieser weltbürgerlichen Bedeutung läßt sich auf folgende Fragen bringen: 1) Was kann ich wissen? 2) Was soll ich thun? 3) Was darf ich hoffen? 4) Was ist der Mensch? Die erste Frage beantwortet die Metaphysik, die zweite die Moral, die dritte die Religion und die vierte die Anthropologie. Im Grunde könnte man aber alles dieses zur Anthropologie rechnen, weil sich die drei ersten Fragen auf die letzte beziehen”. Na *Crítica da razão pura* (B832-3) Kant havia considerado as três primeiras questões do ponto de vista do interesse da razão, não do ponto de vista cosmopolita, razão pela qual talvez ficasse em silêncio sobre o papel atribuído acima à Antropologia na passagem citada da *Lógica*.

ou uma sorte de psicologia empírica, a saber, se ela é *ciência* ou não, é uma questão acerca de seu estatuto cognitivo. Ambas as coisas são complementares, mas diferentes. Para dar um exemplo, se fosse mera rapsódia, não poderia fazer parte da filosofia transcendental, nem da filosofia em geral, posto que nesse caso não poderia ser sequer uma ciência; mas, se não fosse mera rapsódia, poderia fazer parte do sistema da filosofia transcendental; por hipótese, como a descrição empírico-conceitual da natureza que sedia os princípios puros da metafísica do conhecimento na natureza humana e constitui ao mesmo tempo o campo de aplicação dos princípios da teoria moral ao mundo humano<sup>14</sup>.

A minha posição com relação a este último aspecto é que pelo menos uma parte da Antropologia pode ser entendida como o campo de aplicação da filosofia moral ou filosofia moral aplicada, isto é, como uma teoria que descreve a humanidade do ponto de vista das faculdades cognitivas e morais e de seu campo de aplicação *in concreto* no âmbito das relações políticas e sociais<sup>15</sup>, e nesse sentido os estudos de antropologia vem complementar retrospectivamente o sentido dado ao conceito de homem como um ser racional finito, mas livre, descrevendo o que ele *de fato* é, a partir de observação e experiência, e que fora *tacitamente* o ponto de partida da análise das três críticas<sup>16</sup>. Desse modo, seu lugar vem depois das três críticas e visa explicar *in concreto* não só o campo de aplicação como também a fonte dos conceitos abstratos da filosofia transcendental<sup>17</sup>.

Com relação ao problema de seu estatuto científico, porém, a questão é um pouco

---

<sup>14</sup> O ponto de vista “pragmático” toma o homem como livre num sentido lato que abrange o *prático*, mas não se reduz ao mesmo. Portanto, pode envolver uma esfera empírica tanto do ponto de vista prático como do ponto de vista teórico. Assim, Antropologia “pragmática” deve incluir Antropologia “prática” (Wood 2003, pp. 40-41). Para uma interpretação oposta (a saber, que Antropologia pragmática não é um complemento de sua teoria moral), veja-se a exaustiva investigação histórica de Brandt & Stark (2007, pp. XLVIss). Sobre o uso do termo “pragmático” enquanto não oposto ao termo “moral”, veja-se ainda Frierson 2003, pp. 50ss, e Louden (2000, 69-70), que distingue quatro usos diferentes, um dos quais não exclui a moralidade.

<sup>15</sup> Cf. Louden 2000, viii-x, 26ss, 65ss, 167ss. Stark (2003), sem ir tão longe, reconhece a relação da filosofia moral e os cursos de antropologia de Kant, e considera que a Antropologia é uma parte do sistema e não um apêndice rapsódico (Stark 2003, p. 21), como Brandt (1999). Stark nota, inclusive, que desde 1772 Kant nunca mais ofereceu um curso de Ética sem oferecer paralelamente outro de Antropologia (p. 23).

<sup>16</sup> Assim, por exemplo, Claudia Schmidt reconhece que existem pressuposições empíricas enraizadas na concepção de homem da Antropologia para a formulação dos princípios *a priori* da doutrina do direito e da virtude (2005, pp. 78ss), e Patrick Frierson (2003, 32ss) defende veementemente que a Antropologia é uma ciência empírica, cujo objeto e método são empíricos, de caráter indutivo (38ss), e tem significado moral porque permite compreender o que ajuda ou impede o desenvolvimento moral de um bom caráter num ser racional dotado de poder de escolha (5ss, 48ss, especialmente 56-67).

<sup>17</sup> Com isso defino o *locus* da Antropologia no contexto do sistema kantiano e acredito que me posiciono muito próximo dos trabalhos de R. Louden e M. Borges, e mesmo de Perez, Wood e Frierson, com a diferença de que não restrinjo esse campo à filosofia prática.

mais complicada. Sabe-se que Kant usava como texto básico para seus cursos de Antropologia a parte dedicada à *psicologia empírica* da *Metaphysica* de Baumgarten<sup>18</sup>. Porém, sabe-se também que a posição de Kant em relação à Psicologia não é das mais amigáveis<sup>19</sup>. Não apenas foi um crítico da psicologia racional dos leibniz-wolfianos, que acusou de falaciosa, mas também negou a possibilidade de uma psicologia empírica que fosse *científica*<sup>20</sup>. Não pode haver ciência baseada em proposições derivadas da experiência, parece ser a posição madura de Kant, já que toda ciência deve fundar-se em princípios sintéticos *a priori*, não *a posteriori*. Portanto, parece que primeiro devemos investigar se existe alguma relação substantiva entre a psicologia empírica e a Antropologia pragmática; e se existir, deveremos determinar em que sentido e de que maneira essa relação afeta o estatuto científico da própria ciência do homem.

## 2 Antropologia como substituto da psicologia empírica?

Nesta segunda parte gostaria de sugerir a existência de uma relação entre Antropologia e psicologia empírica a partir de uma constatação histórica: a Antropologia de Kant tenta conciliar conceitualmente dois interesses diversos em suas lições: por um lado, criticar e reformular a *psicologia empírica* da escola wolfiana<sup>21</sup>; por outro, observar e

<sup>18</sup> Brandt & Stark 1997, viii ss. Sobre isso ver, por exemplo, *Anth. Collins*, Ak. 25: 7-8.

<sup>19</sup> Ver, por exemplo, *Metaphysik Dohna*, 28:679: „Die letzte Frage bei der empirischen Psychologie ist: Ist eine empirische Psychologie als Wissenschaft möglich? Nein — unsre Kenntniß von der Seele ist gar zu eingeschränkt. Und eine empirische Erkenntniß wird nur Wissenschaft, wenn wir sie aus einem Princip ableiten, wir verfahren überhaupt methodisch, durch observiren, oder experimentiren; das erste ist [in der Psychologie] schwer, und das letztere unmöglich; denn das Experiment was wir machen, ändert schon unsern Gemüthszustand”. Ver também *Anth. Collins* Ak. 25: 72-3.

<sup>20</sup> No contexto da crítica da psicologia racional, na primeira *Crítica*: por exemplo, KrV, A343/B401, A347-8/B405-6. E também na *Arquitectônica*: „ wo bleibt denn die empirische Psychologie, welche von jeher ihren Platz in der Metaphysik behauptet hat, und von welcher man in unseren Zeiten so große Dinge zu Aufklärung derselben erwartet hat, nachdem man die Hoffnung aufgab, etwas Taugliches *a priori* auszurichten? Ich antworte: sie kommt dahin, wo die eigentliche (empirische) Naturlehre hingestellt werden muß, nämlich auf die Seite der angewandten Philosophie, zu welcher die reine Philosophie die Principien *a priori* enthält, die also mit jener zwar verbunden, aber nicht vermischet werden muß. Also muß empirische Psychologie aus der Metaphysik gänzlich verbannt sein, und ist schon durch die Idee derselben davon gänzlich ausgeschlossen. Gleichwohl wird man ihr nach dem Schulgebrauch doch noch immer (obzwar nur als Episode) ein Plätzchen darin //B877// verstatten müssen und zwar aus ökonomischen Bewegursachen, weil sie noch nicht so reich ist, daß sie allein ein Studium ausmachen, und doch zu wichtig, als daß man sie ganz ausstoßen, oder anderwärts anheften sollte, wo sie noch weniger Verwandtschaft, als in der Metaphysik antreffen dürfte. Es ist also bloß ein so lange aufgenommenen Fremdling, dem man auf einige Zeit einen Aufenthalt vergönnt, bis er in einer ausführlichen Anthropologie (dem Pendant zu der empirischen Naturlehre) seine eigene Behausung wird beziehen können” (KrV, B 876-7).

<sup>21</sup> Cf. Brandt 2003, p. 90.

descrever o homem individual e coletivo para oferecer um conceito de natureza humana ao qual possam ser aplicados *in concreto* os conceitos e princípios puros de sua filosofia.

Se acompanharmos as anotações das aulas de Kant poderemos ver que há toda uma evolução em sua concepção e não se poderia dizer que sempre manteve a mesma posição em todos seus aspectos. Tanto os estudos de Brandt e Stark como o de Klemme atestam coisas importantes a esse respeito<sup>22</sup>. Primeiro, a relação entre psicologia e antropologia na filosofia escolástica alemã serviu de base e influenciou o tratamento kantiano das questões antropológicas desde a década de 1760 até o texto de 1798<sup>23</sup>. Segundo, o uso da psicologia empírica de Baumgarten e sua futura substituição pela antropologia já se anuncia numa notícia de cursos de Kant em 1765-6<sup>24</sup>. Terceiro, o texto de Baumgarten serve-lhe como manual escolar desde pelo menos 1772-3<sup>25</sup>. Mas há também outros fatores em jogo.

Os documentos mostram que em meio ao debate da época sobre o lugar e o estatuto da psicologia havia dois modelos teóricos concorrentes: o dedutivo-silogístico (sintético) de Wolff e seus seguidores, presente sobretudo no âmbito da psicologia racional, e o empírico-observacional (analítico), oriundo da tradição empirista, que predominava na psicologia empírica<sup>26</sup>. Assim, não deve estranhar a dificuldade de Wolff em situar com clareza o status da psicologia empírica, que oscila entre afirmar-se como uma parte metafísica (ciência dos princípios) ou como uma disciplina histórica, i.é, que faz uma *história* da alma a partir da observação de fatos particulares<sup>27</sup>. Além disso, entre 1765 e 1778 Carl Friedrich Floegel utiliza o modelo dito “observacional” e “analítico” numa *história do entendimento humano* que retoma explicitamente o projeto humeano de uma investigação *pragmática* das faculdades cognitivas (Hume era então conhecido como historiador *pragmático*, a saber, aquele que conta uma história *para mostrar que ela atingiu seu propósito*<sup>28</sup>), salientando a utilidade e a necessidade de um estudo cuidadoso do homem para seu conhecimento pragmático (definido como *Kenntniß des Menschen*). Mas antes de Floegel, já em 1746, Fabricius defendera uma

<sup>22</sup> Klemme 1996, 32-7. Brandt & Stark, 1997, XXV, viiss.

<sup>23</sup> Klemme 1996, 32-7. Brandt & Stark, 1997, XXV, viiss.

<sup>24</sup> *Nachricht von der Einrichtung seiner Vorlesungen im Winterhalbjahre von 1765-1766* (Klemme 1996, 34)

<sup>25</sup> Klemme 1996, 32-7. Brandt & Stark, 1997, XXV, viiiss.

<sup>26</sup> Klemme 1996, 14-5.

<sup>27</sup> Cf. Brandt & Stark, 1997, XXV, viiiss.

<sup>28</sup> Deste ponto de vista, a Antropologia pragmática poderia ser considerada como se contasse a *ιστορία* da natureza humana com o intuito de mostrar como os princípios da filosofia transcendental *atingiriam seu propósito*.



Antropologia metafísica como “a ciência dos primeiros princípios do homem em geral”<sup>29</sup>, e reportara-se à Antropologia como um estudo do homem, uma ciência que abrange corpo e alma, e *não mais a alma apenas*, ainda que fosse tratada empiricamente. De modo que, a partir de Fabricius, a psicologia empírica já é de certo modo substituída pela Antropologia, vinte anos antes da substituição que o próprio Kant empreenderá no meio dos anos de 1760<sup>30</sup>. Enquanto *ciência metafísica da experiência*, a psicologia empírica prepara aqui a passagem para a Antropologia.

Ora, mas que tipo de ciência será esta? Para Kant, em todo caso, desde meados de 1770 não faz mais parte da metafísica, como ainda fazia para os wolfianos e para o próprio Fabricius<sup>31</sup>. A partir de 1775, Kant já se refere à Antropologia como *pragmática* e como a base de todas as outras ciências pragmáticas, como por exemplo a história pragmática<sup>32</sup>. Refere-se com isso a um conhecimento cosmológico, i. é do mundo, direcionado à comunidade em que o homem se insere, e o diferencia de outros conhecimentos tal como fizera no prefácio de 1798, e antes na famosa carta de 1773 a Marcus Hertz: para destacar seu projeto e diferenciá-lo da Antropologia meramente “fisiológica” de Platner<sup>33</sup>.

Assim, no anos 1773-5 a Antropologia de Kant já é propriamente pragmática; ocupa o lugar outrora dado à psicologia empírica, mas é diferente da psicologia wolfiana, que é escolástica. Trata-se de um conhecimento do mundo útil para a ação humana; distinção que ainda estará presente nos cursos de 1790-1 e 1791-2<sup>34</sup>. Além disso, não se ocupa só da alma, como a psicologia, mas também do corpo e da ação moral e política do homem que vive e interage em sociedade.

No curso de 1772-3, entretanto, Kant não havia ainda usado o termo *pragmático*,

---

<sup>29</sup> Klemme 1996, 33.

<sup>30</sup> Comparar, por exemplo: *Anth. Collins*, Ak. 25: 7ss, 47ss; *Anth. Friedländer*, Ak. 25: 469ss, 471ss, 545ss; com *Anth. Pillau*, Ak. 25:733ss; *Menschenkunde*, Ak. 25: 849s; *Anth. Mrongovius*, Ak. 25: 1210ss; *Anth. Busolt*, Ak. 25: 1435ss.

<sup>31</sup> Brandt & Stark, 1997, XXV, p. x.

<sup>32</sup> „Die Anthropologie ist... eine generale Anthropologie. Man lernt darinnen... die Natur der Menschheit kennen... Die Anthropologie ist also eine pragmatische Kenntnis deßen was aus seiner natur fließt, aber nicht eine physische oder geographische, denn sie sind an Zeit und Ort gebunden, und nicht beständig...” (*Anth. Friedländer*, Ak. 25: 471).

<sup>33</sup> Conforme a carta de Kant a M. Herz de fins de 1773, onde Kant comenta a resenha do livro de Platner (Plattner, Ernst, *Anthropologie für Ärzte und Weltweise*, Leipzig; Dyck., 1772), que Herz acabara de resenhar (in *Allgemeine Deutsche Bibliothek* XX (1773), pp.25-51). Ver *Kants Briefwechsel*, Ak. 10: 143-6.

<sup>34</sup> Klemme 1996, 35.

mas *prático*, para designar a mesma intenção pragmática da Antropologia<sup>35</sup>. Note-se, além disso, que esta equiparação entre “prático” e “pragmático” já estivera presente em Meier (no *Auszug* de 1752)<sup>36</sup>. Não seria isso um indício de que a reformulação da psicologia empírica numa antropologia pragmática deveria, pelo menos em parte, dar conta da ação humana do indivíduo, dos grupos e da própria espécie para dar um lugar sistemático não apenas a uma teoria das faculdades mentais, mas também a uma descrição do campo de aplicação dos princípios da prudência e da moral? É, pelo menos, o que parece. Afinal de contas, Kant continuou a tomar por base de seus cursos o texto de Baumgarten. Continuou a fazer e ensinar psicologia empírica sob outro nome e com outro intuito que já não era meramente didático.

Isso pareceria reforçar a ideia de Brandt, de que a Antropologia não é uma ciência propriamente dita, se pensamos que a base era psicologia *empírica*<sup>37</sup>. De resto, como há passagens que sugerem o contrário, nas quais Kant refere-se à Antropologia como a uma “ciência”<sup>38</sup>, caberia perguntar se Kant não fez um acerto de contas, não apenas com a psicologia racional de origem cartesiana que encontrou em Leibniz, Wolff e Baumgarten, mas também com a “psicologia empírica” dos britânicos. Pois do ponto de vista daquilo que os alemães denominavam “psicologia empírica” nessa época, tanto a teoria do conhecimento como a teoria da percepção do empirismo clássico poderiam ser considerados como seus subcapítulos. Eis que começa a perfilar-se a questão de como seria possível uma “ciência” empírica da natureza humana. Mas não vejo como isso negaria a possibilidade de uma antropologia moral como parte da pragmática, ou mesmo da antropologia pragmática como antropologia prática.

### 3 Antropologia é ciência por analogia?

É verdade que a chamada fisiologia do entendimento de Locke, ou a abordagem associacionista de Hume sobre as faculdades mentais seguem para Kant um modelo empírico incompatível com o escopo e o estatuto de uma crítica da razão. Mas a fisiologia de Locke é uma abordagem psicologista do conhecimento, não uma fisiologia no sentido descrito

<sup>35</sup> Isso, num dos manuscritos (o chamado [400]). Ver *Anth. Friedländer*, Ak. 25: 469n.

<sup>36</sup> Klemme 1996, 36.

<sup>37</sup> Brandt, 1999. Cf. Brandt & Stark 1997, p. xi: „Die Anthropologie also gehört im strikten Sinn nicht zur Metaphysik oder Philosophie als einer Vernunftkenntnis aus Begriffen.”

<sup>38</sup> Ak. 7: 120 (*Anth.* 1998); 25: 9 (*Anth. Collins*); 25: 471 (*Anth. Friedländer*); 25: 733 (*Anth. Pillau*).

(cartesiano) no prefácio da Antropologia de 1798<sup>39</sup>. A empreitada de Hume, por sua vez, de aplicar o método de Newton à natureza humana, não teria tido como resultado justamente uma psicologia empírica, e mesmo uma certa ciência cética que bem poderia ser chamada de “Antropologia”? A saber, não seria uma teoria empirista das faculdades humanas responsáveis pelo “conhecimento”, pelo mecanismo das paixões e pelos comportamentos considerados morais ou imorais do ponto de vista psicológico e comportamental das relações sociais? Se a Antropologia pretende ser uma “ciência” da natureza humana, ela não reformula o projeto humeano no seu devido lugar e âmbito, que é justamente o homem considerado em sociedade do ponto de vista da espécie; observado e estudado a partir da prática efetiva de suas faculdades e características mais marcantes, a saber, o homem como sujeito e objeto das teorias do conhecimento, da moral, da política e da história? Parece-me que a Antropologia considerada como um *conhecimento mundano*, i.é, pragmático e não sagradamente escolar acerca da experiência humana<sup>40</sup>, reformula o projeto humeano de uma ciência da natureza humana, segundo o modelo analítico-observacional como uma ciência empírica. E esta ciência<sup>41</sup> empírica baseada em observação e experiência se diz do ponto de vista *cosmopolita* porque envolve não só observação e experiência do caráter comportamental do indivíduo, mas também das peculiaridades e dos *princípios* de aplicação dos conhecimentos adquiridos sobre homem enquanto *cidadão do mundo* (a saber, da espécie humana *in concreto*). Cosmopolita e cidadão do mundo parecem dizer aqui os homens não apenas no âmbito público em que sujeitos morais e nações juridicamente estabelecidas garantem liberdades e direitos iguais, do ponto de vista da filosofia moral, política e da história de Kant, mas também daquilo que os torna iguais a todos os outros nas mesmas circunstâncias, apesar de suas diferenças; cada homem é antes de mais nada uma pessoa no mundo entre outras que interagem consigo e com seus semelhantes, a saber, com suas faculdades, inclinações, paixões e temperamentos, no meio de um mundo de objetos; e sobretudo, com as estratégias de autoconhecimento, aperfeiçoamento e progresso técnico e moral que esse tipo de conhecimento nos promete.

---

<sup>39</sup> Ak. 7: 119. Vale lembrar que aqui “cartesiano” evoca as descrições e teorias científicas do *Traité de l’homme* (1648), não das *Meditações*.

<sup>40</sup> Loudon 2002, p.4.

<sup>41</sup> Ver *Antropologia* (1798), Ak. 7: 120: “Sem um plano ... todo conhecimento adquirido nada pode fornecer senão um tatear aleatório (*fragmentarisches*) e não ciência...”. Cf. Perez 2009, 19, que me chamou a atenção para essa passagem.

Entretanto, isso não suporia um conhecimento meramente indutivo<sup>42</sup>? Decerto. Mas, como Frierson (2003, 35ss) lembrou bem, se a Antropologia pragmática deve considerar o homem como ser livre (*als freihandelndes Wesen*), não pode ser um conhecimento universal e necessário, apodítico, mas sim um saber *contingentemente universal* (geral): o fato de que o conhecimento antropológico se aplique à maioria dos casos (mas, *a priori*, não a *todos sem exceção*) garante o espaço de deliberação a seu “objeto”, a saber, o homem *empiricamente* dado como ser terreno e racional, capaz de escolha e interação. Ainda assim, pode-se questionar: será que uma cognição a partir de meras inferências de caráter indutivo é suficiente para garantir um conhecimento da natureza humana?

Na *Lógica* (Jäsche, parágrafo 84), Kant define indução como uma inferência do particular para o universal a partir da experiência, de tal modo que de muitas coisas o juízo infere para todas as coisas da mesma espécie (*von vielen auf alle Dinge einer Art*). Isso, ao que parece, permitiria no máximo observar os homens de uma cidade e obter um conhecimento *local*, o qual não poderia ser estendido sem mais a todos os homens como um conhecimento geral<sup>43</sup>. Pois, como alguém poderia identificar diversas entidades como sendo “homens” e dizer que pertencem à *mesma* espécie? A generalização só vale para a maioria dos casos se eu puder identificar indivíduos como membros da *mesma* classe! Isso é algo que a indução sempre presume, mas não pode inferir. Por isso, talvez, Kant defina a indução junto da *analogia*: a inferência por analogia ocorre quando vejo que certas coisas coincidem em muitas determinações e propriedades e infiro que essas coisas coincidirão nas restantes<sup>44</sup>. É a analogia que me permite inferir, pela semelhança, que duas entidades pertencem à mesma classe: “A analogia infere da semelhança particular de duas coisas a [sua] semelhança total, segundo o princípio da especificação: coisas de um gênero das quais sabemos que coincidem em muitas propriedades, coincidem também nas restantes, que conhecemos em algumas

---

<sup>42</sup> Note-se que Kant distingue claramente *indução* e *analogia* (*Logik* [Jäsche], Ak. 9:132), de modo que ao imputar-se um conhecimento analógico à Antropologia é possível eximi-la da acusação de não ser “ciência” mas (quando muito) um conhecimento meramente geral por indução (Cf. R. 3282, 3283, Ak. 16: 757): acusação que, na verdade, o próprio Kant fizera a Hume.

<sup>43</sup> Wood destaca esse problema com clareza (2003, p. 47ss).

<sup>44</sup> Ak. 9: 132: „ Die Urtheilskraft, indem sie vom Besondern zum Allgemeinen fortschreitet, um aus der Erfahrung, mithin nicht *a priori* (empirisch) allgemeine Urtheile zu ziehen, schließt entweder von vielen auf alle Dinge einer Art, oder von vielen Bestimmungen und Eigenschaften, worin Dinge von einerlei Art zusammenstimmen, auf die übrigen, sofern sie zu demselben Princip gehören. Die erstere Schlußart heißt der Schluß durch Induction, die andre der Schluß nach der Analogie”.

coisas desse gênero, mas não percebemos nas outras...”.<sup>45</sup> Somente a partir da observação de certas propriedades comuns entre nós mesmos e os outros podemos inferir que os outros membros da espécie devem ter propriedades que percebemos em nós; propriedades que não percebemos mas podemos inferir por analogia. Esse é o ponto de partida de qualquer generalização empírica minimamente aceitável acerca das características da nossa ou de qualquer espécie.

Trata-se, sem dúvida, de um ponto de partida empírico. De uma comparação estabelecida pela analogia que garante uma mínima generalidade ao observar características comuns e imputar a identidade de gênero ou classe a partir de observação e experiência. Assim, a *Antropologia* (1798) de Kant pode ser considerada como uma “ciência” (ainda que empírica), com base num certo conhecimento por analogia<sup>46</sup>. Essa ciência pode ter por base observação e experiência, sem ser um agregado de cognições amontoadas de modo aleatório ou “meramente” indutivo<sup>47</sup>: ainda que seu conhecimento não fosse apodítico, sua “universalidade” fundar-se-ia em um conhecimento analógico da humanidade. Trata-se de um conhecimento que, de resto, pode ser atestado e corroborado na ação por mim e por cada um dos homens de cada país, de cada cultura, de cada raça: “(...) o conhecimento da humanidade é ao mesmo tempo meu conhecimento (...). Por isso, devemos estudar a nós mesmos, e porque queremos aplicar [esse conhecimento] a outros, temos que estudar a humanidade” (Ak. 25: 471).

De modo que meu conhecimento de mim mesmo seria de algum modo mediado pelo conhecimento que tenho dos outros, na medida em que posso pensar-me em analogia com os outros seres semelhantes a mim no campo da experiência; mas, ao mesmo tempo, o meu conhecimento desses outros seria de certo modo mediado pelo conhecimento que tenho de mim, do meu corpo, e de minhas faculdades mentais e morais. Por sua vez, o meu conhecimento do ser humano do ponto de vista cosmopolita, como cidadão do mundo, i. é,

---

<sup>45</sup> Ak. 9: 133nota: „ Die Analogie schließt von particularer Ähnlichkeit zweier Dinge auf totale, nach dem Princip der Specification: Dinge von einer Gattung, von denen man vieles Übereinstimmende kennt, stimmen auch in dem Übrigen überein, was wir in einigen dieser Gattung kennen, an andern aber nicht wahrnehmen”.

<sup>46</sup> Insinuei isso em meu ensaio anterior, “Analogia e imputabilidade na Filosofia Prática de Kant”, *Revista Latinoamericana de Filosofia*, Buenos Aires, XXXIV/2 (2008), 207-257. Um tratamento mais exaustivo do conceito kantiano de analogia foi dado em meu “On Kant’s Concept of Analogy” (forthcoming).

<sup>47</sup> Vale lembrar que na introdução à *Metafísica dos Costumes* (MS) Kant declara que a física pode aceitar muitos princípios como universais com base na evidência empírica, quando se trata de abster-se de erros (!) (Ak. 6: 215).

enquanto *conhecimento da espécie*<sup>48</sup>, seria pensado e concebido em analogia com minhas faculdades e meus hábitos, com a estrutura moral, psicológica, política e social do meu mundo, com os usos e costumes da minha comunidade.

#### 4 À guisa de conclusão

Parece que no lugar do *Tratado* Kant pôs sua *Crítica da razão*. Entretanto, pelo menos em parte, o estatuto do *Tratado* é o mesmo que o do conhecimento antropológico: baseado em auto-observação, observação e experiência. É justamente o conhecimento do homem a partir do conhecimento que o próprio homem amalha com suas capacidades comuns e individuais por observação e em contato com outros homens, o conhecimento empírico que o homem observa em si e nos outros e capitaliza para si como *sua* experiência. Assim, a Antropologia dá uma explicação que não é axiomática, sintética nem regressiva sobre as capacidades, talentos e desvios, mas empírica (baseada em observação, estudo de casos e introspecção). Pode isso ser ciência em algum sentido? Não seria um estudo meramente empírico?

Uma coisa é certa: a Antropologia não se encaixa no modelo de ciência da crítica da razão, que se define por um conjunto de conhecimentos articulados sistematicamente *a priori* em torno de um princípio, e pressupõe a aplicação dos princípios puros para dar origem às proposições sintéticas *a priori* em que se fundariam todas as demais ciências. Mesmo assim, parece que a filosofia transcendental pressupõe um conhecimento de *primeira ordem*, intuitivo, que todo ser humano possui de seu corpo, de suas ações, de seus estados mentais, das peculiaridades de sua espécie, etc., para ter um conhecimento ampliado do mundo, precisamente o conhecimento que é objeto de investigação e sistematização na Antropologia. Pois se o ser humano não é cômico do que ele de fato é, das capacidades e princípios que põe em marcha em sua mera existência como ser livre, muito menos pode saber o que importaria otimizar, priorizar, planejar e melhorar forças, capacidades, talentos dados e adquiridos.

O problema era que esse saber é empírico, e que parece que não posso a princípio atribuir nada a outros homens sem postular uma série de dificuldades, se seguir à risca o ensinamento da primeira *Crítica*. No entanto, talvez o que o homem conhece de si

---

<sup>48</sup> Cf. *Anthropologie*, Vorrede (Ak. 7: 119ss).

intuitivamente como homem lhe sirva de base inquestionável para sua reflexão, a partir da qual ele pode extrair consequências para si, e *por analogia*, para seus iguais. Assim, parece que não se pode entender a ideia da Antropologia como uma *ciência empírica* a não ser com base num princípio da analogia: a Antropologia pode basear-se em observação e experiência, sem ser meramente indutiva e assistemática, na medida em que a ela subjaz um conhecimento analógico que não pode ser posto em dúvida, porque pode ser atestado e corroborado empiricamente. Como foi mencionado, o meu conhecimento de mim mesmo é mediado e corrigido pelo conhecimento dos outros na medida em que me penso em analogia com os outros seres que se apresentam intuitivamente semelhantes a mim; mas, sobretudo, o meu conhecimento dos outros é mediado pelo conhecimento que tenho de mim mesmo<sup>49</sup>. O meu conhecimento do ser humano do ponto de vista *cosmopolita*, como cidadão do mundo, é pensado e concebido em analogia com minhas faculdades e meus hábitos, com a estrutura moral, psicológica, política e social do meu mundo, com os usos e costumes da minha comunidade. Assim, talvez não se trate de conhecimento científico no sentido estrito, mas o conhecimento antropológico pragmático possa ser entendido como um discurso seguro porque *pragmaticamente verificável*; o conhecimento que deve ser pressuposto factualmente (senão seria puramente metafísico) por toda ciência em sentido estrito e *que se revela adequado ou não ao mundo em sua aplicação*.

Neste sentido, a “Antropologia” seria uma ciência entendida como aquele discurso que descreve a linguagem de primeira ordem que é pressuposta pela linguagem de segunda ordem da filosofia transcendental. “Os conhecimentos gerais sempre presupõem os locais”. Se quem possui esse conhecimento pode corroborá-lo, então não apenas possui e pode ensinar um conhecimento do mundo, mas pode se dizer um “homem de mundo”; um legítimo conhecedor da natureza humana. Do contrário esse conhecimento não seria “antropologia pragmática”, mas fisiológica e escolástica, essa sim “meramente” indutiva e fadada à mesma objeção que sofreu o projeto lockiano-humano, como a de Platner. Tratar-se-ia de aprender pela prática das ações e das relações os caracteres, as reações, as faculdades, os costumes do homem através de todos os homens; de completar aquilo que só a teoria da escola não poderia jamais ensinar. Mas isso deve ser feito primeiro em casa; não posso conhecer a

<sup>49</sup> Note-se a ênfase dada no texto de 1798 (Ak. 7: 121,143) e nas Preleções (Ak. 25, 473) ao *sentido interno* como fonte de introspecção e conhecimento reflexivo, a partir do qual conhecemos o mundo e os outros. Sobre isso Frierson 2003, 39ss, que me chamou a atenção para essas e outras passagens.

natureza humana viajando ou travando contato com outras culturas e povos se primeiro não adquire um conhecimento de mim e de meus congêneres, no trato com os familiares, amigos e concidadãos. “A Antropologia não é local, mas geral. Nela não se trava conhecimento com o estado do homem, mas com a natureza da humanidade, porque as disposições locais sempre mudam, mas a natureza humana não...” (Ak. 25: 471).

Desse modo, os conceitos de antropologia *pragmática* e homem como *cidadão do mundo* permitem formular um conceito de natureza humana não necessariamente metafísico, já que são formulados num contexto que não é *a priori*. A ideia de uma natureza comum à espécie, por outro lado, é útil à educação, à arte, à história, à política e à moral, pois pode ser pragmaticamente utilizada, e seu resultado pode ser projetado e até corroborado à luz da observação, da experiência e da analogia como um princípio de convivência e aprimoramento social. Embora o conceito esteja comprometido com o projeto kantiano de fomentar o progresso moral da humanidade, justamente pela parte da Antropologia pragmática que pode ser considerada moral, o peso metafísico pode ser resolvido em termos normativos. O empírico subordinando-se a uma finalidade moral que se realiza através da ação política no campo da história de todos os homens. Mas não se vê prejuízo algum para a humanidade ou para a filosofia com uma opção semelhante. Antes uma ferramenta para melhor pensar e conduzir as nossas vidas de acordo com a nossa natureza.

### Referências

Bonaccini, J. A. “Analogia e imputabilidade na Filosofia Prática de Kant”, *Revista Latinoamericana de Filosofia*, Buenos Aires, XXXIV/2, 2008, p. 207-257.

\_\_\_\_\_. “On Kant’s Concept of Analogy” (no prelo).

Borges, M. de L. Psicologia empírica, Antropologia e Metafísica dos Costumes em Kant, in: *Kant e-Prints*, 2/1, 2003, pp.1-10.

Brandt, R. *Kritischer Kommentar zu Kants Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (1798), Hamburg: F. Meiner, 1999.

\_\_\_\_\_. The Guiding Idea of Kant’s Anthropology and the Vocation of the Human Being, in B. Jacobs & P. Kain (Eds.) *Essays on Kant’s Anthropology*, New York: Cambridge University Press, 2003.

Firla, M. *Untersuchungen zum Verhältnis von Anthropologie und Moralphilosophie bei Kant*,



Frankfurt a/M, P. Lang. 1981.

Frierson, P. *Freedom and Anthropology in Kant's Moral Philosophy*, New York: Cambridge University Press, 2003.

Jacobs, B. & Kain, P. (Eds.) *Essays on Kant's Anthropology*, New York: Cambridge University Press, 2003.

Kant, I. *Kants gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Königlich-Preußischen/Deutschen/Berlin Akademie der Wissenschaften. Berlin: Georg Reimer/W. de Gruyter (KSG), 1902.

\_\_\_\_\_. *Vorlesungen über Anthropologie*, hrsg. von R. Brandt u. W. Stark, in KSG, Berlin: W. de Gruyter, Vol. XXV, 1-2, Abt. 4./Bd. 2, 1997.

Klemme, H. *Kants Philosophie des Subjekts, Kant-Forschungen*, Bd.7, Hamburg: F. Meiner. 1996.

Louden, R. *Kant's Impure Ethics: From Rational Beings to Human Beings*, New York: Oxford University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. A segunda parte da Moral: a Antropologia Moral de Kant e sua relação com a Metafísica dos Costumes, in: *Ethic@*, 1/1, pp. 27-46, 2002.

Martins, C. A. A Antropologia kantiana e a Antropologia do ponto de vista pragmático, in: *Discurso*, São Paulo (34), 2004, pp. 135-144.

Perez, D. O. (2009) “A Antropologia pragmática como parte da razão prática em sentido kantiano”, in: *Manuscrito*, Campinas, 2009, 32/2, pp. 2-43.

Platner, Ernst, *Anthropologie für Ärzte und Weltweise*, Leipzig; Dyck., 1772.

Schmidt, C. Kant's Transcendental, Empirical, Pragmatic, and Moral Anthropology, in *Kant-Studien* 98, 2007, pp. 156-182.

Schmidt, C. The Anthropological dimension of Kant's Metaphysical of Morals, in *Kant-Studien* 96, 2005, pp. 66-84.

Stark, W. Historical Notes and Interpretive Questions about Kant's Lectures on Anthropology”, in: B. Jacobs & P. Kain (Eds.) *Essays on Kant's Anthropology*, New York: Cambridge University Press, 2003, pp. 15-37.

Wilson, H. L. *Kant's Pragmatic Anthropology. Its Origin, Meaning and Critical Significance*, New York, State University of New York Press, 2006.

Wood A. Kant and the Problem of Human Nature in: B. Jacobs & P. Kain (Eds.) *Essays on Kant's Anthropology*, New York: Cambridge University Press, 2003, pp. 38-59